

RIO

A história da reconstrução
da Floresta da Tijuca por
37 homens no século 19

o livro da s



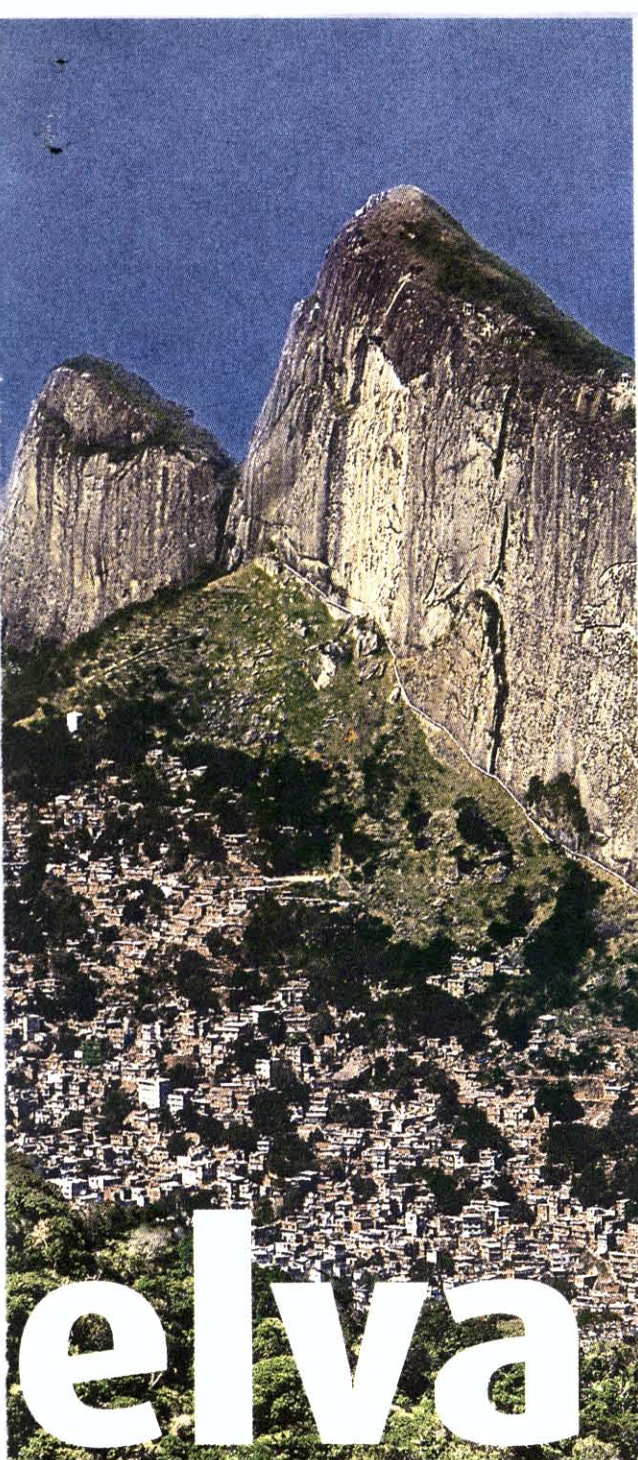
VISTA A PARTIR DA PEDRA AGULINHA
DA GÁVEA, COM IPANEMA AO FUNDO.
NO DETALHE, RUÍNA DA REPRESA
MADAME ROUCHE

por AYDANO ANDRÉ MOTTA
Calor aí, não? E olha que poderia ser pior, três graus mais escaldante, não fosse a aventura ambiental de 37 homens que, século e meio antes da era ecologicamente correta, devolveram ao Rio o mais opulento de seus cenários ao replantar, árvore por árvore, a Floresta da Tijuca. Renasceu o que é hoje o principal bibelô de uma metrópole maltratada, de lagoas emporcalhadas, rios poluídos e praias maltrapilhas. Sem os 33 quilômetros quadrados de Mata Atlântica, a cidade à sua volta seria, além de mais quente, menos, bem menos maravilhosa. Esquadrinhar a mata generosa que abençoa as montanhas cariocas é um espetáculo digno da história de seu renascimento, uma saga que nem parece real.

Ela está contada agora nas 148 páginas de *Parque Nacional da Tijuca – 140 anos da Re-*

construção de uma Floresta, luxuoso livro lançado na semana passada pela editora Ouro Sobre Azul. Com textos do jornalista Marcos Sá Corrêa, do biólogo Gustavo Martinelli e do diplomata Pedro da Cunha e Menezes e fotos de Ricardo Azoury, a obra, financiada pela empresa petrolífera Repsol/YPF, relata a devastação das montanhas do Rio e o posterior trabalho de reconstrução, suas motivações e seus protagonistas: o Barão do Bom Retiro e o major Manuel Gomes Archer. Além de um épico carioca, é uma bula para decifrar esta cidade.

Entre os sentimentos que o livro desperta, o primeiro é pouquíssimo nobre – inveja de quem conheceu a conjugação intocada de mar, selva e montanha pré-Rio de Janeiro. “Tudo é graça o que dela se pode dizer”, saudou o governador-geral Tomé de Souza ao



DIVULGAÇÃO

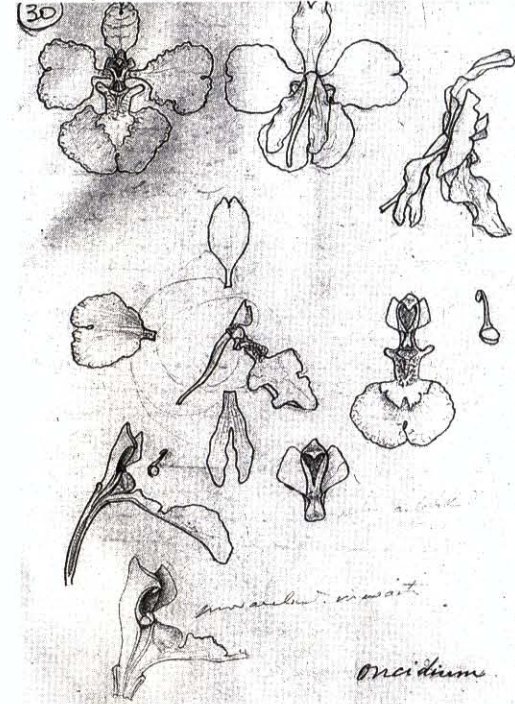
Varrida do mapa para dar lugar à lavoura de café a partir de 1810, a Floresta mostrou que, com sua ausência, a cidade ficava pior. No meio do século 19, o Rio tornara-se mais quente (três graus, como revelaram estudos anos depois) e mais seco – as fontes d'água, órfãs da proteção das árvores, desapareceram e a chuva escasseou. Em 1856, com o desmatamento consagrado inimigo público número 1, Luís Pedreira de Couto Ferraz, o Barão do Bom Retiro (intelectual refinado, político, empresário, amigo do Imperador, presidente do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, morador da Floresta e hoje nome de rua em Vila Isabel) iniciou a cruzada que desembocou no renascimento da mata.

Cinco anos depois, no dia 11 de dezembro, pelo decreto 577 – afinal, já era o Brasil como o conhecemos –, foi criada a Floresta Nacional da Tijuca, a partir de desapropriações de antigas plantações de café, uma cultura então decadente. A conta fechou em 218 contos de réis – uma pechincha. Poderia ter dado errado, fosse adotada a estratégia consagrada de usar pinheiros e eucaliptos. Mas Archer, à luz dos melhores conceitos de paisagismo vigentes à época, escolheu meticulosamente um punhado de espécies nativas, refazendo trilhas e cantos. “Onde pôde, substituiu os caminhos coloniais, meras serventias de transporte, por percursos que não levam a lugar algum, mas são um fim em si mesmos, belos e aprazíveis”, explica Pedro Menezes, ex-diretor do parque e *habitué* de suas trilhas. “Deveria haver um feriado em homenagem a Archer”.

O major deu ainda um providencial dribble na burocracia, ao desrespeitar o decreto de reflorestamento, que determinava o plantio “em linhas retas, paralelas entre si, sendo as de uma direção perpendiculares às de outras”. Bobagem – como a vista ratifica hoje. Nas palavras do tenente-coronel Gastão Luís d'Escagnole, sucessor de Archer, “as árvores são plantadas promiscuamente e não por grupos, o que tornaria monótono o aspecto da floresta”. A idéia é um dos alicerces da beleza farta da selva urbana. “O Barão, Archer e Tomás Nogueira da Gama, que reflorestou a Floresta das Paineiras, foram ambientalistas antes da era ambiental”, descreve Pedro Menezes, atualmente cônsul-adjunto em Sydney e responsável pela coordenação editorial e pela pesquisa histórica da obra.

Por 13 anos, Archer, 30 funcionários e seis escravos plantaram 80 mil mudas. Delas (mais as 16.075 que já estavam de pé), vinga-

REPRODUÇÕES



N. 577.—AGRICULTURA, COMMERCIO E OBRAS PUBLICAS.
Portaria de 11 de Dezembro de 1861.

Dá instruções provisórias para o plantio e conservação das florestas da Tijuca e Paineiras.

Sua Magestade o Imperador Ha por bem approvar as seguintes Instruções provisórias para o plantio e conservação das florestas da Tijuca e das Paineiras.

Art. 1.º Nos terrenos nacionaes sitos na Tijuca e Paineiras, estabelecer-se-ha uma plantação regular de arvoredo do paiz.

Art. 2.º Esta plantação se fará especialmente nos claros das florestas existentes nos ditos lugares pelo systema de mudas, devendo-se estabelecer, nos pontos que forem para isso escolhidos, sementeiras ou viveiros de novas plantas.

Art. 3.º A plantação se fará em linhas rectas paralelas entre si, sendo as de uma direcção perpendiculares ás das outras. O trabalho começará das margens das nascentes para um e outro lado, com a distancia de 25 palmos entre umas e outras arvores.

Art. 4.º As mudas que se empregarem não terão menos de tres annos, nem mais de 15 de idade e poderão ser colligidas nas matas das Paineiras, devendo a plantação ter lugar na estação propria.

Art. 5.º Para dirigir este serviço haverá um Administrador na floresta da Tijuca e outro na das Paineiras, com o vencimento mensal de 90\$000.

Art. 6.º Além destes empregados haverá um feitor em cada floresta, encarregado especialmente da plantação e escolha das mudas, com o vencimento diario de 2\$000, e tantos serventes quantos forem julgados necessários, conforme o desenvolvimento do serviço com o vencimento tambem diario de 1\$500.

Art. 7.º O Inspector Geral das Obras Publicas poderá empregar neste serviço, como serventes, alguns dos escravos da nação que se achão á sua disposição, com a gratificação de 100 réis diarios, além do sustento e roupa.

Art. 8.º Aos Administradores, feitores e serventes das florestas, incumbe impedir a damnificação das arvores, devendo prender e remetter á autoridade policial mais vizinha para ser processada a pessoa que fór encontrada em flagrante delicto.

NO ALTO, DESENHO DE ORQUÍDEAS
DA MATA ATLÂNTICA FEITO EM
1849. ACIMA, DECRETO DE CRIAÇÃO
DA FLORESTA DE DEZEMBRO DE
1861

desembarcar. “A mais fértil e viçosa que há no Brasil”, atestou o cronista Pêro de Magalhães Gândavo, em 1572, quando ela tinha “infinito pau-brasil”. “É a mais airosa e amena de todo o Brasil”, garantiu em 1585 o padre José de Anchieta, em três depoimentos citados por Sá Corrêa no livro.

O encanto se manteve pelos séculos afora. “Talvez não exista no mundo uma região com paisagens e belezas tão variadas, tanto do ponto de vista da forma grandiosa de suas montanhas, como dos contornos das praias”, narrou o pintor Johann Moritz Rugendas, no começo do século 19. “Em vão se tenta descrevê-la. Não pode a pena imitar o lápis, nem o lápis a natureza, em cenários como esse”, admirou-se o comerciante inglês John Luccock, que chegou em 1808, a tempo de se deslumbrar e, depois, testemunhar a destruição do cenário.



FAUNA DA FLORESTA: NO ALTO,
GRUPO DE QUATIS; ACIMA,
MACACO PREGO

ram exatas 45.777 árvores, sementes da floresta renascida. "Agora, a natureza fará o resto", previu o major, dando por encerrada sua cruzada. Um século depois, em 1961, a Floresta virou, de novo por decreto, parque nacional. Hoje, é atração turística e orgulho da cidade – mas não, ao contrário do que reza a vaidade carioca, a maior floresta urbana do mundo. No próprio Rio de Janeiro, o Parque da Pedra Branca, em Jacarepaguá, com 12.500 hectares, é quatro vezes mais extenso.

Tanto faz. "Na verdade, a Tijuca é a melhor floresta urbana do mundo", sustenta Pedro Menezes. "É um dos melhores parques do Brasil em apresentação e conservação. E tem potencial para ser um exemplo planetário". Para isso, o diplomata defende a idéia de um parque único, juntando os 82 existentes na cidade, vítimas da barafunda burocrática. A Floresta sofreu, até recentemente, com invasões e despejos de lixo, estancados a partir da administração compartilhada entre Ibama e prefeitura, iniciada três anos atrás. As favelas vizinhas à mata crescem em outras direções e, segundo os administradores, não registram invasões significativas. A última a sossegar foi a maior delas, a Rocinha, onde os traficantes impediam a fiscalização na região da fave-

la conhecida como Vila Verde.

Uma das razões é a mobilização da população que vigia e denuncia desde estacionamento ilegal e lixo nas cachoeiras até acampamentos em áreas proibidas. Atualmente, o parque recebe 2,5 milhões de visitantes por ano, entre cariocas e turistas, mas poucos sabem que boa parte da história está lá, de pé, apenas disfarçada. Jazem, envoltas pela vegetação, várias ruínas das sedes das fazendas de café. O restaurante Floresta, por exemplo, é o alojamento dos seis escravos – Constantino, Eleutério, Leopoldo, Manuel, Maria e Mateus – que ajudaram no reflorestamento. Outro restaurante, Os Esquilos, é a casa onde viveu d'Escagnole, o sucessor do major Archer. Enquanto não ganha o feriado que merece, o executor da reconstrução dá nome a um morro e uma estrada.

Para o futuro, o caminho, argumenta Pedro Menezes, é a criação do parque único, da Pedra Branca ao Pão de Açúcar. Além da mais que obrigatória valorização no mapa turístico do Rio, que não explora a Floresta como deveria no material de divulgação destinado aos visitantes. Quando for, trará mais dividendos financeiros para a cidade. Enquanto isso, ajuda, um verão após o outro, a tornar a vida dos cariocas um pouco mais amena. ❖